

FNE escreve a Fernando Alexandre: na Educação, “Portugal tem um problema de decisão”

Publico.pt/2026/09/02/sociedade/noticia/fne-escreve-fernando-alexandre-educacao-portugal-problema-decisao-2186783

Andreia Sanches

September 2, 2026

Federação Nacional de Educação pede a Fernando Alexandre que resolva problemas: “A falta de professores não começa quando uma sala de aula fica sem docente.”



Foto

As aulas começam entre 11 e 15 de Setembro, para os alunos do pré-escolar, 1.º, 2.º e 3.º ciclos, e a 21 de Setembro, para o secundário Sérgio Azenha

A Federação Nacional de Educação (FNE) escreveu uma carta aberta, dirigida ao ministro da Educação, que começa com uma "uma pergunta inevitável": "Quantos diagnósticos mais são precisos fazer para resolver os problemas da Educação?"

Há mais interrogações ao longo da missiva. "Quanto custa ter [alunos sem professores](#) durante semanas ou meses, permitir que as desigualdades educativas se aprofundem ou perder profissionais experientes porque chegaram ao limite? Quanto custa formar professores que depois abandonam a profissão ou procuram outras oportunidades?" Ou ainda: "Quanto custa uma escola sem recursos

suficientes para prevenir dificuldades, apoiar alunos vulneráveis e responder atempadamente a problemas de indisciplina, violência, abandono ou insucesso?"

Para a FNE é evidente que não faltam diagnósticos. "Portugal não tem, de todo, um problema de diagnóstico na Educação. Tem um problema de decisão."

E prossegue: "Podemos começar mais um ano lectivo voltando a identificar os mesmos problemas, criando novos grupos de trabalho, produzindo novos documentos, anunciando programas e apresentando novas medidas. Ou podemos fazer de 2026/2027 o ano em que começamos verdadeiramente a resolver aquilo que já sabemos que precisa de ser resolvido."



Foto

Secretário-geral da FNE, Pedro Barreiros Rui Gaudêncio

E para esta federação alguns dos problemas centrais são estes: "faltam professores, o corpo docente envelheceu e a profissão perdeu atractividade"; existem escolas onde também faltam assistentes operacionais, psicólogos, técnicos especializados e outros profissionais; a burocracia ocupa, a todos, demasiado tempo; a [indisciplina e a violência](#) no espaço escolar "preocupam, cada vez mais".

Na carta dirigida a Fernando Alexandre, [recordam-se os resultados de uma consulta nacional](#), que teve a participação da FNE, que indicou que 95,3% dos professores afirmaram gostar da profissão, mas 71% disseram que não incentivariam um jovem a escolher a carreira docente; 91,1% consideraram que a remuneração não está ao

nível das qualificações e competências exigidas; 98,5% queixaram-se de excesso de trabalho.

"A falta de professores não começa quando uma sala de aula fica sem docente. Começa muito antes, quando uma profissão deixa de ser suficientemente atractiva para ser escolhida", refere a FNE, pedindo investimento. "A verdadeira pergunta não é quanto custa investir na Educação, mas quanto custa ao país continuar a não o fazer."

A FNE diz-se disponível para "negociar e apresentar propostas responsáveis". "Mas o diálogo social não pode significar uma sucessão interminável de reuniões, calendários negociais, documentos e intenções sem tradução concreta na vida das pessoas. Negociar tem de servir para decidir e decidir tem de servir para mudar e implementar. Não esperamos que num único ano sejam resolvidos problemas que se foram acumulando durante décadas. Seria pouco sério afirmá-lo. Mas é legítimo exigir que 2026/2027 seja o ano em que os profissionais da Educação possam perceber, através de decisões concretas, que estamos finalmente a enfrentar as causas dos problemas e não apenas a gerir as suas consequências."